

«RONDÔNIA»

«OS SERTÕES» DO NOROESTE

Gen. FREDERICO RONDON

Há cinqüenta anos, a bibliografia nacional foi enriquecida, com o aparecimento de RONDÔNIA, a obra excelsa do Professor Edgard Roquette Pinto, "a filha caprichosa" de seu entusiasmo e de uma sincera dedicação aos sertões.

Como "Os Sertões", predestinada à imortalidade, "Rondônia" "não foi escrita para satisfazer a preocupações literárias, nem traçada no aconchego de confortável gabinete, entre outros livros, à luz carinhosa duma lâmpada, amortecida à feição das necessidades do trabalho... Foi nascendo pelas quebra-das úmidas das serras, pelos caminhos marulhentos dos rios, nos areais desolados..."

São outros, na verdade, os cenários e atôres da Epopéia Rondoniana. A agressividade do incola, gerada pela revolta, ante a injustiça e o atraso social em que lhe é dado viver, é aqui defesa instintiva e, talvez, ressentimento da dolorosa experiência dos primeiros contatos com a civilização, cujas amostras lhe foram levadas pelos primeiros conquistadores, ao alto preço de sua liberdade e do esbulho de suas riquezas naturais.

É, também, outra a atitude dos expedicionários que, possuindo a força das armas, preferem men-

sagens de paz e amor. *Morrer se preciso fôr, matar nunca!*

Assim compreendida a epopéia e assinalados seus traços diferenciais, num e noutro caso, cumpre reconhecer o justo paralelo que se impõe, entre uma e outra obra, entre Euclides da Cunha e Roquette Pinto, ambos irmanados no sentimento de brasilidade e no empenho em que põem a Ciência a serviço da Pátria, elucidando aspectos peculiares da obra de integração nacional; na simpatia e compreensão que lhes inspira o incola, cerne da nacionalidade, cujo concurso à obra nacional, como elemento eficiente do progresso, fator e objeto do desenvolvimento regional, é imprescindível e urgente.

Aquêlê sentido humano, de compreensão e simpatia, transluz desde as primeiras páginas de "Rondônia", nas quais se retratam, além dos recantos naturais da terra, "a vida de seus homens primitivos e, mais do que isso, os resultados da obra fecunda dos sertanejos do Brasil, dirigidos pelo ideal feito homem".

"Se como estudioso", afirma o autor, "as observações científicas que pôde realizar — quase tôdas de grande alcance para o conhecimento da antropologia sul-americana — o enchem de alegria, deu-

se por bem pago daqueles dias de privações e de perigos, porque voltou da Rondônia, com a alma refeita, confiante na sua gente que alguns acreditam fraca e incapaz, porque é povo magro e feio...

"São feios, efetivamente, aquêles sertanejos, muitos, além disso, vivem trabalhando, trabalhados pela doença.

"Pequenos e magros, enfermos e inestéticos, fortes todavia, foram êles conquistando as terras ásperas por onde hoje se desdobra o caminho enorme que une o Norte ao Sul do Brasil, como um laço apocalítico, amarrando os extremos da Pátria.

"É preciso ir lá, para retemperar a confiança nos destinos da raça e voltar desmentindo os pregoeiros da sua decadência. Não é nem pode ser nação involuída a que tem meia dúzia de filhos capazes de tais heroísmos. Como são pequeninas estas observações científicas, diante da grandeza da construção daquela gente"...

* * *

Roquette Pinto, no esboço que intitulou "Carta Etnográfica da Rondônia", anexo a sua obra, ao delinear a área geográfica das explorações realizadas pelo Marechal Rondon, no decorrer dos trabalhos de construção das linhas telegráficas, estratégicas, nos Estados de Mato Grosso e Amazonas, não hesitou em transpor os limites ocidentais do território nacional, bem como em trazer, ao sul e a leste, aqueles limites, de modo que abrangessem o Pantanal e o Planalto, ao sul de Cuiabá, e o vale do alto Araguaia.

É que a obra da ciência não se confina entre limites políticos — e

a de Rondon transpôs os do continente. Foi, todavia, no período mais intenso dos trabalhos científicos da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas que se palmilhou o grande Norte de Mato Grosso, 1907-1919, no qual se incorporou Roquette Pinto ao grupo científico de Rondon, que foi conhecida, como nova entidade geográfica, a Rondônia.

Dada por Lei Federal esta denominação ao antigo Território do Guaporé, vemo-nos agora na contingência de distinguir, como Grande Rondônia, o território remanescente do Estado de Mato Grosso, abrangido por aquelas explorações — "vasta região do território pátrio aberta aos estudiosos, pela obra de Rondon. Obra científica e social que não pode ser assaz admirada... Em cinco anos de trabalho êle conquistou, pacificamente, alguns milhares de quilômetros quadrados, agora em condições de fácil valorização. De cada índio, cuja ferocidade não era lenda vã, e cuja animosidade sacrificou tantos homens, fêz um amigo. Abriu à ciência um campo enorme de verificações e descobertas; à indústria tôdas as riquezas de florestas seculares. Soube coroar sua atividade estendendo o fio telegráfico, que os paricís chamam *língua de Mariano*, em homenagem ao seu grande amigo, entre pontos extremos de sua Pátria que ligou por gigantesca estrada de rodagem. E mostrou à Humanidade irmãos primitivos, que mais uma vez lhe recordam a modéstia de sua origem..."

"Enquanto os índios não se afeiçoarem a nós, como Nuleke ao Tenente Pyreneus de Souza; en-

quanto sua boa vontade se não transformar em confiança absoluta, e eles permanecerem pouco dóceis às nossas pesquisas; enquanto não conhecermos a língua deles e eles a nossa, suficientemente, será, talvez, impossível obter mais do que consignam os documentos aqui registrados..." E essa transformação se processa ainda sob os olhos do autor, aos primeiros contatos com a Comissão Rondon:

"Agora mesmo, os machados de pedra não existem mais na Serra do Norte. Cada índio já possui machado de aço. Riem-se até os nambikuares daquele venerável instrumento que, há dois ou três anos, era elemento fundamental de sua vida, derrubando mel e fazendo roçadas..."

* * *

Impressiona o autor a "fisionomia geográfica de Mato Grosso, feita de traços vivos e característicos". Tendo entrado no grande Estado ocidental pela via usual do baixo Paraguai, atravessando planuras pantanosas que julga dilatarem-se pela porção meridional, "campos relvados onde se adensam neste momento grandes manadas", causa-lhe estranheza o nome de Mato Grosso por que foi batizada aquela terra e que só se justificaria nas baixas latitudes, "onde a civilização vai aos poucos se infiltrando, pela coragem e pela firmeza dos sertanejos, aos quais recentemente a ciência abriu, lá mesmo, novas entradas, caminhos novos e novas esperanças de trabalho e de vida..."

"O planalto é o chapadão" e seus rebordos meridionais sugerem-lhe,

vindo do sul, "montanhas do Norte, cobertas de florestas colossais", trabalhadas pela erosão de afluentes simétricos do Amazonas e do Prata cujas nascentes se aproximam de poucas dezenas de quilômetros.

"Aquêle território, tal qual se encontra nos seus limites políticos, foi, é bem certo, penetrado pelos portugueses muito tempo antes de terem surgido ali os primeiros estabelecimentos de outra origem européia..."

"Foi caminho dos espanhóis o Rio Paraguai, sobre cujas margens se ergueram, desde 1575, com Domingo Martínez Irala e Nuno Chaves, as feitorias castelhanas. No entanto, a falta de minas de ouro e a hostilidade das tribos do alto Paraguai, região de grandes alagados, por seu turno, também mui adversa, foram circunstâncias que favoreceram o domínio português, desanimando os sucessores de Irala e Chaves. O caminho dos paulistas foi mais árduo e, talvez por isso, deu-lhes posse menos precária das terras que foram varando..."

"Ao que se lê em certas crônicas, 15 anos mais ou menos depois do descobrimento, um certo Aleixo Garcia saiu de São Paulo, conseguiu atravessar Mato Grosso, pela foz do Jauru, para os Andes e os estabelecimentos espanhóis do Peru... bem cedo começava, assim, a invasão branca daquelas terras. Pelo ouro e pelo escravo, lá se foram os bandos de São Paulo, cujas incursões tomaram âmbito maior, depois de 1596... Um punhado de homens perdidos na terra hostil; ambição, firmeza, coragem; fé no coração de cada qual, dourados por muito heroísmo; e, às vészes, man-

chados de sangue. E disse tudo saiu brilho bastante, para deixar à sombra os crimes contra a espécie, que naquelas emprêsas se passaram..."

De Antônio Pires, o descobridor do Noroeste de Mato Grosso, cujo chapadão êle cortou, em 1713, remontando o Cipotuba, vêm as primeiras notícias sôbre o "Reino dos Paricis":

"Era grande o reino dos paricis. As suas águas tôdas corriam para o norte. Os índios das chapadas, de numerosos, eram incontáveis; num dia de caminhada atravessam-se 10 a 12 aldeias, algumas de 30 casas de cêrca de 40 passos de largura, redondas de feito de um forno, mui altas. Vivem de cultivar a terra, para obter mandioca, milho e feijão, sem contar os ananases que forneciam os seus vinhos. Também cercavam o campo, entre dois rios, e nesse terreno armavam seus fojos para apanhar veados, emas e outras caças..."

"Não era gente guerreira aquela; antes primava em defender o que era seu, do que em atacar o alheio. Suas armas, além do arco e da flecha, e de fôlhas largas de madeira muito rija, à maneira de espadas, eram lanças pequenas de que usavam para defender as portinholas de suas casas, aberturas tão reduzidas de tamanho que, para se entrar, diz Antônio Pires, era necessário ser de gatinhas..."

Os paricis de Rondon e Roquette Pinto, nesse particular, afastam-se um tanto dos de Antônio Pires. "No chapadão, hoje, em vez de arcos, os caçadores paricis manejam carabinas de repetição. As casas tôdas se parecem com os ranchos dos nossos sertanejos.

"Ídolos encontrou-os êle também, guardados como ainda hoje, em casa especial onde só entravam varões. Nem olhavam as mulheres para tais cabanas; êsse costume se mantém. Nesses verdadeiros templos paricis *Iamacá* — não mais residem os ídolos do Século XVIII; guardam-se nêles os instrumentos sagrados da tribo, cada qual filiado a uma função exorcística. Hoje, porém, como outrora, as mulheres se livram de olhar a *Iamacá*. Morre a que põe os olhos em tais buzinas.

"Da gracilidade de feições das paricis também fala Antônio Pires, com louvor bem merecido que, em verdade, são das índias mais gentis." E desde já se pode adiantar que os caracteres antropológicos observados pelo mestre separam, francamente, um do outro, o da Serra do Norte — o nambikuara, e o do chapadão — o parici.

Antônio Pires se refere à existência de outras nações mais afastadas do lado do norte, e menciona os *caviis* moradores dos rios que correm para o setentrião.

Parece a Roquette Pinto fora de dúvida que tais *caviis* sejam os *cabizis* que se podem identificar a um certo grupo de índios da Serra do Norte (*nambikuara* — *uaindazu* ou *uaintaçu*), que descê pelo Vale do Guaporé até à antiga Vila Bela (Mato Grosso), de onde jamais se aproxima senão de ânimo hostil..."

As cabanas dos nambikuaras são redondas, como fornos, altas, servidas por pequenas aberturas que só se atravessam de gatinhas. Seria pueril só por isso, afirma Roquette Pinto, acreditar que os *nambikuaras* da Serra do Norte representem um ramo da nação parici

que se atrasou de seus parentes, a ponto de tornar-se irreconhecível, como parte da família. Porque haviam de aprender a construir aquelas casas e não haviam de conhecer a rêde que é móvel indispensável dos paricis? Os nambikuaras deitam-se em fossas rasas, no chão.

Nambikuara = do tupi: *nambi* — orelha, *ekuara* — furo — é, provavelmente, alcunha dada pelos bandeirantes aos índios da Serra do Norte. *Uaiikoakorê* (os irmãos do chão) é nome que lhes dão os paricis.

Os *cabixis* (*uaindzu* ou *uaintaçu*), ramo meridional da nação nambikuara, aparecem, nas explorações de 1779, ordenadas pelo Capitão-General João de Albuquerque, o segundo dos Cáceres, em comércio com os escravos negros de Vila Bela, aquilombados nas escarpas da Serra dos Paricis, derramados pelos terrenos de que nascem os Rios Piolho (ou São João), Galera, Sararé, Pindaituba e outros afluentes do alto Guaporé.

* * *

A exploração da região situada entre o Juruena e o Jamari, na qual se localizavam, segundo a tradição, as Minas de Urucumacuã, descoberta de 1757 cujo caminho nunca foi definido, ficaria reservada para a Era Rondoniana, diluída a lendária agressividade dos silvícolas. Contudo, se das antigas explorações ninguém trouxe a certeza da existência daquelas jazidas, por meio delas se desvendaram segredos geográficos do vale do misterioso Juruena. O Padre Ayres, em 1817, menciona certos detalhes geográficos cuja exatidão surpreende.

"Ayres de Casal não fala dos nambikuaras nem dos tapanhunas; atribui o nome de Juruena a uma tribo dêsse rio e cita nomes muito semelhantes aos que hoje se encontram naqueles sertões brutos. Nambikuara (Nhambikuara, Mambiuara) aparece, é bem verdade, em muitos escritos antigos e modernos; representa, porém, denominação que se tem dado a povos diversíssimos, alcunha totalmente estranha à língua dos alcunhados. "Dêles (dos índios da Serra do Norte) até 1909, é fora de contestação que, além do nome, e êsse mesmo errado, muito pouco mais era suspeitado."

Dentre os antigos exploradores, merecem referência à parte as contribuições de Pimenta Bueno, Karl von den Steinen e Koch Gruemberg.

"Pimenta Bueno, segundo relatório de 1848, colocava os nambikuaras na confluência do Arinos com o Rio do Peixe e avaliava seu número em cerca de 600. Pelo mesmo documento, seriam 800 os tapanhunas. Na Serra do Norte, foi achado o grupo *Uaindzu* (ou *uaintaçu*, jacaré).

"Von den Steinen, em 1888, conseguiu apurar, por informação anônima, que os índios da Serra do Norte viviam ainda na idade da pedra, absolutamente segregados."

Koch Gruemberg, em 1902, tratando dos índios apiacás, menciona que os nambikuaras e os tapanhunas do Arinos são, desde tempos remotos, inimigos dos apiacás, assim como dos mundurucus, e denominados apiacás bravos, ambos os ramos antagônicos filiados ao grupo tupi. Todavia, Coudreau hesitou em admitir parentesco tão próximo entre essas nações, pois

que os apiacás são canoeiros, enquanto os nambikuaras, ao que dizem, não conhecem a canoa e só viajam por terra.

"Os dialetos dos índios da Serra do Norte são radicalmente diferentes do tupi-guarani." Quanto aos tapanhunas (de tupi: *tapuia* — bárbaro, e *una* — pele escura) é bem provável que sejam índios do Juruena, do grupo nambikuara, embora conteste Roquette Pinto sejam grupo evadido dos mocambos de antigos escravos fugidos de Vila Bela. A existência de navegação entre os tapanhunas, todavia, afasta-os dos índios da Serra do Norte.

"De tudo isso se conclui que, antes das expedições brasileiras de 1907 até hoje (1912), não existiam senão vagas notícias sobre os índios da Cordilheira do Norte, a mais central das populações primitivas do Continente sul-americano; e também ficam apuradas as migalhas dos conhecimentos que possuíamos sobre a bacia formidável do Juruena.

"O que se fez para conhecer esse pedaço do Brasil, de 1907 até agora, vai ser, em seguida referido, como requer a inteligência do assunto. E vale a pena recordar de que maneira Rondon e seus companheiros, rasgando matas e semeando pousos, que serão povoações, cumpriram esse destino feliz, desbravando terras e amansando homens."

* * *

Em 1907, Cândido Mariano da Silva Rondon, Major de Engenharia, foi encarregado, pelo Presidente Afonso Pena, de ligar à Capital Federal, pelo fio telegráfico, os

territórios do Amazonas, do Acre, do Alto Purus e do Alto Juruá, por intermédio da Capital de Mato Grosso, já em comunicação com o Rio de Janeiro.

Era o ensejo de iniciar-se a exploração do grande sertão do Noroeste. O Juruena seria um excelente ponto de referência, para a exploração do território.

Concluídos os preparativos efetuados na vila de Brotas, cercanias de Cuiabá, os expedicionários reuniram-se em Diamantino, donde partiram em direção a Aldeia Queimada.

A 7 de setembro, haviam atingido o território dos paricis, cujo chefe Uazacuriri-gaçu lhes serviu de guia; e, a 10 de outubro, entraram em terras dos nambikuaras, 605 km a noroeste de Cuiabá.

No fim de outubro, já apareciam sinais certos da presença dos nambikuaras. Transposto o Saueuina (ou Rio Papagalo), já na margem esquerda, viram o primeiro nambikuara.

"Rondon e um companheiro, para não o assustarem, permaneceram imóveis. Defronte do lugar em que estavam havia um mel; o índio chegou-se, descobriu a colmeia e preparou-se para abri-la. Depositou no chão o maço de flechas, o arco e uma cesta que trazia pendente às costas. Tirou dela um machado de pedra munido de cabo curto e começou a cortar. Dentro de algum tempo tinha feito um orifício por onde passou a mão, retirando o produto da colheita. Mas o ruído dos foiceiros despertou a atenção do selvagem; e ele se retirou."

A expedição era vigiada. Attingida a margem do Juruena, a 20 de

outubro, nela foi instalado o acampamento, a 22. Nesse dia, Rondon foi atacado e por felicidade escapou de morrer na ponta de uma flecha — a de n.º 2.178, do Museu Nacional.

Diante do estado de ânimo dos índios, tendo conseguido reconhecer o Juruena, resolveu o Chefe insigne proceder à retirada, evitando assim outros ataques que talvez fôsem o início de uma oposição infinita.

No ano seguinte, 1908, Rondon transpôs o Juruena e entrou em pleno território dos nambikuaras e tapanhunus. Atravessou o Juina, o Camararé e descobriu o Nambikuara e o 12 de Outubro, atingiu o coração da Serra do Norte. Revidando os ataques dos índios com demonstrações de pacíficas intenções, deixando no lugar da agressão presentes de machados e adornos, acabou vencendo a resistência dos selvagens.

Em 1909, a terceira Expedição Rondon partiu do Juruena e varou inteiramente a mesopotâmia que se acha entre êsse rio e o Madeira. Descobre o Pimenta Bueno e o Barão de Melgaço, em cujas proximidades, segundo Rondon, devem localizar-se as célebres Minas de Urucumacua.

A 13 de dezembro de 1909, com 1.297 km de marcha, a partir de Cuiabá, a expedição atinge a margem do Jamari, que um antigo erro cartográfico fazia supor o Jaci-Paraná, ambos afluentes do Madeira.

"Estava terminada a mais notável das explorações geográficas realizadas nas terras da América, nestes últimos 50 anos, e varado o

mais ocidental dos três setores do território brasileiro ainda incógnitos, restando agora apenas os que se balizam: Tapajós-Xingu e Xingu-Araguaia, na cinta dos paralelos de 10 a 12 graus."

Em 1910, voltam os índios a atacar o pessoal da Comissão Rondon. Porém, já em novembro, chegam à fala, em atitude de simpatia, no Juruena e no Juina, permitindo até que pequeno vocabulário nambikuara fôsse colhido pelo pessoal da Linha Telegráfica.

Daí por diante, ficaram os nossos senhores da Serra do Norte. As relações com os índios continuam, naturalmente, instáveis. Ainda em 1913, uma guarnição é trucidada no Juina, incendiados os ranchos do pôsto, destruída a balsa; incidentes locais que não alteram, por assim dizer, a situação geral.

"Verdade é que os nambikuaras passam a viver em paz com a Comissão; nas ocasiões de penúria, em alguns postos da linha telegráfica, êles repartem, irmãmente, com os "brasileiros", a sua massa de mandioca e o mel delicioso das abelhinhas que moram nas suas matas."

* * *

"Trabalhei alguns meses, em 1910, junto a Cândido Rondon", lembra Roquette Pinto; "a poesia daquelas terras remotas infiltrou-se-me no pensamento. Ouvir o mestre era escutar a voz chamadora do sertão, sentir o murmurejo das florestas distantes..."

O primeiro material procedente dos índios da Serra do Norte surpreende-o, como atestado de cultu-

ra elementar com numerosos detalhes originaes. As primeiras informações indicavam índios de costumes e usos diferentes de quantos haviam sido descritos naquelas paragens. Era gente estranha envolta em lendas misteriosas.

Outro perfil de sertanista, que o mestre fixa em "Rondônia", é o de Antônio Pyreneus de Souza, natural de Goiás, companheiro de Rondon desde as primeiras conquistas das terras brutas de Mato Grosso.

"Do Paraguai ao Araguaia, o Tenente Pyreneus frui prestígio raro... Não há tropeiro daquelas bandas que o não conheça e o não estime e o não respeite..."

"O diário da viagem pela via fluvial do Prata-Paraná-Paraguai, acesso tradicional ao longínquo Mato Grosso, é que melhor revela a sensibilidade do homem de letras, colhendo e fixando, em quadros singelos mas de cores nítidas, as paisagens geográficas e humanas dos países ribeirinhos.

"Montevideu... Manhã de julho, fria e nevoenta. Ao longe emergiam das ondas mansas os tetos das primeiras casas plantadas na colina... Baço entorpecido pelo inverno platino, o sol de má vontade esgueirava seus raios pelas frestas intermitentes das nuvens... Raíadas vinham de mar alto, carga de batonetas invisíveis lanhando a pele..."

"Martin Garcia... entra-se a sulcar as águas do Paraná... Sempre a mesma paisagem monótona e triste... Vilas e cidades argentinas, à noite, animam aquêlo quadro, pelo reflexo de suas luzes. Entre uma e outra, o campo enorme e chato,

borrões escuros separando pue-blos..."

"Águas do Paraguai... Afinal, avista-se um pouco de mata. Já se interrompe aqui e ali a serena planície. Os estípes do carandá alteiam-se numerosos, por todo o percurso do Paraguai... Sobem como tôdas as palmeiras, roliças e indivisas, mas as fôlhas, bem na ponta do caule, é que surgem... Quando atinge os primeiros laivos do azul do céu, explode em fôlhas..."

"Nas margens, a vista ia se animando cada vez mais. Grandes figueiras pendiam mal-mortas, arrancadas pela última enxurrada, raízes expostas, como tentáculos de um polvo imóvel, ressecadas pelo vento e pelo sol; salgueiros aborrecidos, lamurientos, pareciam chorar para dentro do rio..."

"A largura moderada do Paraguai permite que, a bordo, se participe um pouco na vida das suas praias; vêem-se cabanas, e a gente se interessa pelos seus tristes habitantes."

"Junto aos casebres em ruína, que pontilham as margem do rio todo, favorecendo-o com êsse perfume humano de prazeres e dores, que uma velha morada sempre exala, amontoam-se grandes achas de lenho avermelhado escuro, de que se vêm carregando grandes barcos... Voejam, sôbre as águas e sôbre os campos, biguás, biguatingas, caracarás. E as solenes formas hieráticas das cegonhas, e a brancura das garças, que parecem aves de algodão, transformam certos estirões do rio em paragens encantadas, mágicos cenários, onde Lohengrin poderia surgir..."

"Asunción... cidade santa dos fiéis soldados de Solano Lopez... morna cidade, tôda envolta em tristeza e poesia, cheirando a mistério... Nas ruas, no mercado, no famoso mercado de Asunción, tão pitoresco e desasseado, predominam mulheres... Paraguaías robustas, avermelhadas, morenas, de face quadrangular, malares salientes, olhos grandes, negros, oblíquos, longamente ciliados, cabelos negro-carvão, lábios carnudos, nariz grosso e relativamente pequeno. Saúde e fôrça. Sempre sugando grossos charutos rústicos, falando com voz cantada idioma meio guarani, meio espanhol, mascateiam pelas ruas, no mercado, a bordo, grosseira cerâmica e rendas maravilhosas, que parecem tecer em segrêdo, com os mais delicados raios de sol — *Nhanduti*, a renda nacional, tem o valor de uma obra de arte pura. Exprime ao mesmo tempo a alma caprichosa e paciente daquelas mulheres, e traduz todo o seu sonhar incontido. Nela se adivinham ousadias e jactâncias do humor castelhano juntas à doçura sempre tímida das virgens indianas..."

Acima de Asunción, começam a aparecer os *chamacocos*, vaqueiros das estâncias... Das ribas abruptas, cobertas de gramíneas e palmeiras, avermelhadas de barro, partem pequeninas canoas em que navegam, o torso nu e reluzente, músculos retesos, os índios daquela nação..."

Foz do Apa... Ao longo do rio, escalam-se os *saladeros*... nas barrancas, gente magra e abatida, pele cõr de oca amarela, ventre enorme, esplenomegálico, escleróticas icte-

ricas, organismos trabalhados pela doença..."

"Fecho dos Morros... Forte de Coimbra, que lembra Ricardo Franco, apóia-se na margem direita, dependurado na aba da colina. Tem ar melancólico de velho castelo, com ameias e baluartes... Sai de suas paredes uma voz evocadora e possante, falando das lutas de outros séculos, entre competidores na conquista da terra, contra os antigos senhores destas várzeas contra a gente e contra o meio..."

"Corumbá domina as planícies da margem esquerda do Paraguai. Cidade velha, costumes velhos... Ruas abrasadas de sol, êrmas e faiscentes... Além de Corumbá, o Paraguai corre tortuoso e risinho, entre campinas e bosques. Suas margens cobrem-se de florestas, quando não se apagam para dar lugar às lagoas. De longe em longe, o tufo de flôres violáceas de uma peuva rompe o verdor sombrio da vegetação... Ao longo da margem direita, uma cadeia de montanhas esbatidas no horizonte... Camalotes, verdadeiros *mururés* do Paraguai... Enquanto o vapor sobe a corrente, vão passando, como pano de fundo de um cenário de magia, árvores folhudas, onde, confiantes, livres e ágeis, casais de macacos, atôres inconscientes, exibem seu papel..."

"Uma tarde, a luz se diluía nas primeiras sombras, enquanto as cigarras cantavam. O Paraguai era um cadarço azul, que a hélice esgarçava em flocos de espuma branca. Ruídos da mata, imprecisos, cusados ou tímidos; ruídos certos do motor, compassados e monóto-

nos. Súbito, um fragor de galhos que se partiam, fôlhas sêcas crepitantes, um grande grito de animal ferido... Tôda a gente correu para o mesmo bordo do "Etruria"; e a onça, mal divisada, sumiu-se pela ramaria adentro..."

"Os índios guatós caçam com afincos os grandes gatos, cujo couro vendem por bom preço aos viajantes..."

"Assim que o dia começa, aparecem nos banhados, por onde a vista se derrama, entre as florestas, nos grandes campos ribeirinhos, manadas de veados que brincam de orelha sempre alerta, em cambalhotas nervosas. As taãs (anhumas) são sempre os mesmos esposos, ternos amantes, modelos de bem-casados. Distendem o vôo pesado, elevando a custo a corpulência, e vão pousar além, sempre juntos, repetindo no percurso o seu dueto de amor, em que êle chama *Taã!* e ela responde — *Tain!*

"Pôrto de guató... A ribanceira aqui e ali apresenta-se desnudada, limpa, pela freqüência do pé humano. Domina o lugar a ramaria de uma figueira. Árvores caídas, com o desbarrancamento da última enxurrada, preparam-se para partir, ao arbítrio da corrente, ao Deus dará das águas, rio abaixo; e as fôlhas soltam-se, uma a uma, como se fôessem lágrimas da planta, chorando a despedida... As margens, pouco além da ribanceira, pontilham-se de manchas escuras: são ranchos daqueles índios, valentes canoeiros que têm, na história do Brasil, um lugar bem merecido."

"Joaquim é um índio cego. Vive sentado debaixo de uma figueira, ao lado da cabana, rolando, na direção do rio, os olhos extintos.

Mora ali no aterrado, ponto firme no meio do pantanal, só com a sua guató que o alimenta e protege, velha companheira corajosa da sua triste escuridão..."

"À noitinha, a água toma nuanças violetas e verdoengas. Bugios cinzentos e peludos, com bugias negras, aconchegam-se nas ramarias. E, como o rio não é largo, quem passa goza dos mínimos detalhes da vida íntima daqueles casais de macacos que se preparam para dormir. Veadinhos assustados cabriteiam pelos pantanais, procurando moitas onde passar a noite..."

"São Luis de Cáceres esprai-se pelo planalto modesto da margem esquerda. A mata viçosa do Paraguai interrompe-se nas cercanias de Cáceres. Quando muito capoeiras e cerradões... Nua, sem a proteção das árvores, a cidade sofre, no estio, os rigores do sol... Quando chove, surge o tijuco pastoso, exuberante, tomando as ruas, aliás bem traçadas, alinhadas em tabuleiro..."

* * *

São Luis de Cáceres, sede do 5.º Batalhão de Engenharia, é a base da Comissão Rondon, donde parte a expedição para os sertões do norte.

"O caminho que liga à velha cidade o pôsto de Tapirapuã vai margeando o Paraguai... Anda-se por cima do pantanal sêco. Areia e tabatinga; poeira fina. Nos cerrados, cajueiros em flor iluminam a tristeza da flora..."

"Pôrto dos Bugres... Armamos as rêdes debaixo de algumas laranjeiras, ao lado do rancho de nosso

hospedeiro... Noite de luar incerto. De repente ouviu-se, do outro lado do rio, a voz mordente de um suíno erguer-se na escuridão, num grito de desespero... Onça ou sucuri, atacava o chiqueiro a menos de cem metros da habitação... As crianças da casa, pobres filhos da floresta, levantaram-se das suas pequenas rédes, despertadas pela gritaria dos bichos e dos homens... choramingavam nervosas e trêmulas..."

"Partem de Tapirapuã as tropas de abastecimento, conduzindo gêneros e material para o acampamento de Rondon, situado a cem léguas..."

"De Tapirapuã ao Salto da Felicidade, onde cruzamos o Cipotuba, para ganhar o planalto parici, desdobra-se uma das melhores estradas carroçáveis do sertão brasileiro. São 24 km iniciais da larga via de comunicações aberta entre as duas bacias extremas, através do grande divisor... Do Salto a estrada caminha para noroeste, através de uma grande mata, para chegar ao sopé do planalto... Antes de começar a subida do Planalto dos Paricis, pousamos no rancho do Km 50 da estrada do Juruena, destinada a ser uma veia mestra da circulação dos sertões, por onde hão de pasar boiadas para o norte e tropas com borracha para o sul..."

É a antevisão da Rodovia Marechal Rondon, a BR-364, em cuja construção se acha empenhado o novo 5.º Batalhão de Engenharia.

* * *

Os paricis que Roquette Pinto examinou achavam-se em Aldeia

Queimada, em Utiariti e no Timalatiá; naquele lugar, estavam localizados os do grupo *kozárini* e *kaxiníti* do Rio Verde e das cabeceiras do Juba, do Cabaçal, do Juaru e do Guaporé.

"Em Utiariti e no Salto do Timalatiá viviam os do grupo *uaimaré*... Utiariti, em 1912, era, pelos esforços do Tenente Emanuel Amarante, um grande centro parici. A antiga povoação incendiada ia renascendo em novo molde..."

A par dos dados precisos da antropometria, Roquette Pinto nos dá uma ampla e minuciosa descrição dos usos e costumes dos paricis: "... índios de tipo delicado, aspecto simpático; mãos e pés muito pequenos; olhos pequenos, castanho-escuros, muito oblíquos; Pelo nariz convexo, muito se assemelham a certo tipo de peles-vermelhas norte-americanos..."

"Parici não é nome nacional; a si mesmos, eles se denominam *ariti*. Há cerca de 200 anos, vive a velha nação em contato com os brancos; quase todos os seus filhos falam, ou entendem, nossa língua.

"Cada aldeia é sujeita à jurisdição de um chefe temporal — o *amúri*, e outro espiritual — o *utiariti* — sacerdote e médico." A êste cabe guardar as lendas do povo.

"A família, entre eles, é poligâmica, embora muitos homens já se contentem com uma esposa... Tratam as mulheres com desprezo... Segregam-nas das cerimônias de seu culto, escondem de seus olhares os instrumentos sagrados da tribo... Elas se ocupam em trabalhos de toda sorte: socam o milho, plantam, fiam, lavam roupa, cozinham, tratam dos filhos. Em geral são garridas. Pentes e cosmé-

ticos são dos mais apreciados presentes que se possam fazer à Índia parici... Homens e mulheres andam vestidos; mas, nas horas de calor, é frequente despirem a roupa e envergarem o *imiti* de algodão, espécie de cinta" (ou saíote curto, que satisfaz, em parte, as exigências do pudor)... Não dispensam pulseiras de algodão e perneiras de borracha de mangabeira; mas seus enfeites de penas já pertencem ao passado. Gostam de vidrilho. Em sinal de contentamento, as índias se pintam com urucu, pontilhando a face e o corpo... As armas de que usam são as nossas. Atiram bem... escondidos atrás do velho escudo venatório, tradicional, feito de folhagens... Constroem casas grandes, com teto diedro, cobertas de palmas, munidas de portas pequenas... Ao centro, um esteio alto e forte... entre uma rede e outra, pequena fogueira, cujo clarão enrubece o interior da cabana.

— *Ená-mokocê-cê-maká* (menino dorme na rede)... *Uirô-mokocê-cê-maká* (menina dorme na rede...) é a canção de ninar das mães paricis.

"O *iohohô* é fetiche que os paricis ainda conservam muito escondido. Nada mais que uma vara nodosa, guardada religiosamente, a título de amuleto protetor..."

Em fonogramas preciosos, Roquette Pinto gravou as principais cantigas paricis — o *ualalocê*, o *teiru*, o *cê-iritá*, num grande *kaulonená*, em que os paricis celebraram a morte de um veado, bebendo *oloniti* (aguardente feita de milho).

As três lendas, que Rondon colheu alguns anos antes, lembrando os mitos dos heróis civilizadores,

qual o de Sumé entre os tupinambás, Roquette Pinto considera de alto valor etnográfico; e da origem dos homens, a do milho e a da mandioca.

Enorê, o Ente Supremo, de um pau e uma varinha, cria o homem e a mulher. Este casal primitivo teve um filho, *Zaluiê*, e uma filha, *Hoholaialô*, e mais tarde dois outros filhos: *Kamaikorê* e *Uhaiuariru*. *Kamaikorê*, o Abel parici, ficou possuidor dos dons de *Enorê*, dominou o mundo e seus filhos prosperaram.

Ainotarê, grande chefe parici, sentindo que a morte se aproximava, disse ao filho, *Kaleitoê*, que depois o enterrasse no meio da roça, que três dias depois brotaria uma planta; que guardasse as sementes para a replanta. Assim apareceu o milho entre eles.

Atiolô, desprezada pelo pai, *Zatiamaré*, pediu à mãe, *Kokoterô*, que a enterrasse viva. De sua cova nasceu a mandioca (*ketê*).

A língua dos paricis acha-se documentada em léxico abundante, que Rondon enriquecera prodigiosamente.

Roquette Pinto registra trechos musicais, de fonogramas colhidos durante sua viagem. Além da flauta nasal, *tsin-hali*, encontram-se entre os paricis algumas flautas e buzinas: o *zoratealô*, o *teiru*, o *zaho-locê*.

Entre as peças etnográficas da coleção parici, merecem especial menção o *zaiacúti* — escudo de caça; o *uariá-matalô* — vaso de barro de estilo arcaico; o *matococê* — caça com desenhos ornamentais; o *trixá* — cuia; o *hohozí* — cesta ornamental; o *kohon-kiri* — cesta de carga; a *maká* — rede de dormir; o *konokod* — faixa tecida com fios

coloridos; o *tiru* — fuso de madeira; o *matiri* — saco de palha; o *kuai* — abano de folíolos de bacaba trançados; o *kiliá-kociti* — pena que atravessa o septo nasal; o *kamai-hin-hokô* — diadema de penas de tucano; o *ualaçu* — cabaça-maracá; o *koreocô* — arco; o *korê* — flecha.

Os aritis acham-se em adiantado grau de diferenciação cultural, mormente os do distrito de Diamantino, graças ao comércio que há mais de século mantém com as populações de Cáceres e daquela cidade. De sua teogonia pouco resta. Em 1888, quando visitados por von den Steinen, ainda acreditavam que o Sol era uma coroa de penas vermelhas, pertencente a *Molihuturé*, espécie de Apolo parici... A Lua era uma coroa de penas de mutupinima, de que era dono *Kaimaré*.

* * *

"Sempre cruzando chapadões arenosos, onde a sariema grita e o eco não responde, as tucuras toldam o ar, dificultando o caminhar dos carregueiros, e as mamangabas ferram o torto e a direito", a expedição atravessa as cabeceiras do Rio Verde, do Ilocê, do Sacre ou Timalatiá, tributários da margem direita do Juruena.

"Pouso do Uaikoakorê, zona de grandes seringais. *Uaikoakorê* (irmãos do chão) é o nome com que os paricis designam certo grupo de índios da Serra do Norte, nambikuaras que, como os demais dessa nação, dormem no chão. Ali começam a aparecer os selvagens dessa tribo. É o último pouso no chapadão dos Paricis. Pouco além, cerca de 1 km, o planalto detém-se, bruscamente, à beira de um paredão.

Imensa visão de matas sem fim surgiu diante de nós. A estrada precipitava-se, quase a prumo; ao longe, subiam, da grande floresta, colunas tênues de fumaça do fogo dos nambikuaras. Era o vale do famoso Juruena. Distante, como tira de aço polido, chispando, espelho de céu e do Sol, o Juruena corria... Era a Linha Telegráfica, correndo em triunfo pelo sertão remoto, tomando posse efetiva do território... Agora o caminho era a picada da linha, subindo e descendo, galgando as montanhas que se estendem para o Norte, coleando pelos vales, como enorme serpente...".

Ao sair do pouso do Juina, "começam a surgir, pelo cerrado, o mesmo pela picada, sinais evidentes de nambikuara próximo. Eram pequenos toldos, malocas de caça, abrigos ligeiros que haviam deixado por ali... Alta noite, numa colina, à beira da linha, próximo ao Ribeirão 20 de Setembro, avistamos, longe, uma fogueira. Eram eles. Apressamos o passo dos nossos animais e, a grande distância, começamos a gritar, para preveni-los de nossa presença: Nenen! O! Nenen (amigo)! Vieram logo correndo e gritando, cacete em punho, arco e flecha na mão esquerda, desconfiados mas não agressivos." Ao luar leitoso, era fantástico o aspecto daqueles homens, altos, lépidos, irrequietos, animados, falando sempre, desengonçados, inteiramente nus... chegamos para mais perto da fogueira; crianças puseram-se a chorar, enquanto as mães, sem saber que barulho era aquê, trepavam, ágeis, pelas jabuticabeiras do campo... Logo distribuimos, largamente, cigarros e caixas de fósforos... E, animados por esse gesto,

começaram a pedir tudo quanto levávamos e a perguntar o nome de tudo: "Dêra?...". Cêrca de duas horas depois, chegaram nossos carregueiros, cuja passagem foi realizada entre falatórios e gritaria... Ficaram lá, no meio da noite, ao redor da sua fogueira, fazendo acenos, aos berros de prazer... De madrugada, chegamos ao pouso do Rio Primavera... Armamos ao relento nossas rêdes... para não dormir. Dormir, excitado por aquêlê quadro de mágica, desenrolado à meia-noite? Dormir naquela noite inesquecível, em que a sorte me tinha feito surpreender, vivo e ativo, o homem da idade da pedra, recluso no coração do Brasil?...

"De manhã, foram vindo os índios do Primavera; de longe repetiam: O! Nen-Nen! O! Nen-Nen!... Vieram aos poucos; juntos chegaram um homem, a mulher e dois filhos. Ele veio andando atrás, cabeça erguida, orgulhoso, inteiramente nu... com soberano desprezo, fêz um gesto para pedir cigarro e fogo...".

"Campos Novos é perfeita fazenda. Tem boa casa de telhas, currais, pastos cercados, boas aguadas, gado para refazer as tropas que transitam do Juruena para lá, até ao acampamento. É também a Cruz Vermelha daquela guerra contra a selva; ali se restabelecem, pelos benefícios do clima saudável da serra, os doentes que vêm do Norte. Centro de atração para os nambikuaras, representantes de todos os grupos em que se subdivide a grande tribo procuram lá os brinde e presentes a que já se habituaram. Grupos inimigos entre si fraternizam ali, levados pelo interêsse de possuir as inúmeras utilidades

que, por nosso comércio, conheciam."

"Três Buritís... mais de 200 índios, com suas mulheres e filhos, foram chegando. Acamparam ao redor de nosso rancho e ali permaneceram durante alguns dias. Tempo precioso... Muitos se mostraram bastante dóceis, para as mensurações e mesmo exames médicos...".

"Os índios examinados pertencem aos grupos *kokozu*, *anunzê*, *tagnâni* e *tauitê*. Dos *uaintaçu*, grupo ainda hostil só é conseguida observação incompleta... A pele é côr amarello-siena queimada, escura nos *kokozu*. Nos *tagnâni* o colorido chega ao róseo. Muitos tipos quase pretos (tapanhunus?) são encontrados entre os do Juruena e do Juina; são os índios mais escuros do Brasil...".

Quanto à exata significação das denominações dos grupos nambikuaras, chegou Roquette Pinto ao seguinte resultado:

Kokozu — os tios, assim chamados por serem os mais primitivos de tôda a tribo;

Anunzê — é franca deformação do termo *anungsu* ou *anungzu*, que quer dizer — leite de mulher; serão, talvez, os infantes;

Uaintaçu — parece corrupção de *nuntaçu* — jacaré;

Tagnâni — são, claramente, os *tamararis* (*tamararês* ou *camararês*) das antigas cartas geográficas;

Tauitê — significa criança, filho.

A fim de evitar confusões, sugere Roquette Pinto que se conserve o nome *nambikuara* ligado aos apelativos peculiares a cada grupo.

"Os nambikuaras-kokozus denominam *siçu* às suas aldeias; os *anunzês* dão-lhes o nome de *chicê*. Esses vocábulos têm a significação geral de habitação: casa ou aldeia...".

"A guarnição das casas é sumária: além dos jiraus, algumas grandes painéis... tudo mais são utensílios, artefatos, armas e adornos, alguns pilões e ralos. Esteiras de palha, couros preparados, rédes, jiraus de dormir, catres e camas, são modalidades de leito que predominam neste ou naquele estádio de cultura social... Os nambikuaras não têm outro leito senão a terra. A réde, companheiro inseparável dos paricis, hoje, que a conhecem, estimam-na infinitamente...

* * *

Considerando as notícias encontradas, nos escritos leigos, e as melhores informações colhidas, no século XVII, sobre a antropologia indígena, e mesmo a análise de observadores do século XVIII, como Alexandre Rodrigues Ferreira; Saint-Hilaire, o Príncipe de Wied Neuwied e D'Orbigny, do século XIX, insurge-se Roquette Pinto contra o espírito de generalização de que padecem aquêles estudos.

"Martius, nas "Beitraege", de valor tão desigual, mas sempre interessantes, deixou-nos observações mais felizes". Na sua "raça americana", distinguiu dois tipos: o mongol e o caucásio.

"A diferenciação que Martius acentuava, em 1867, Couto de Magalhães, quase um decênio mais tarde, retomou, quando trouxe à antropologia do Brasil o seu apreciável contingente.

"Apesar de pouco preciso, em relação às minúcias, todavia, o autor de "O Selvagem" apanhou com acerto modalidades morfológicas dos índios do Brasil. É certo, porém, que só deixou bem caracteri-

zado o primeiro dos tipos" (o mongol).

Datam de 1882 muitos documentos sobre o assunto. Os que foram publicados nesse ano, especialmente por Barbosa Rodrigues e J. B. Lacerda, representam os primeiros elementos antropológicos dados à luz, incompletos, porém, em que pese ao valor das anotações descritivas.

Aquisições mais seguras e detalhadas são devidas aos naturalistas alemães, a começar pelas explorações de Karl von den Steinen (1884-88), merecendo especial menção o trabalho de síntese, tentado pelo Dr. Paulo Ehrenreich, em 1897, condensando as aquisições existentes sobre a antropologia do Brasil, que contém "respeitável soma de observações anatômicas, fisiológicas, patológicas, numa palavra, antropológicas, sobre os índios do Brasil", que fazem dos "Estudos Antropológicos sobre os Primitivos Habitantes do Brasil" verdadeiro tratado clássico".

Voltando a suas próprias anotações, dá-nos Roquette Pinto ampla notícia dos índios que habitam os territórios banhados por águas amazônicas, espalhados pelos vales do Juruena e pela Serra do Norte.

"São os chamados nambikuaras (nambiquaras, nambiuaras) pelos sertanejos e pelos índios civilizados seus vizinhos. Somam alguns milhares." Quantos? não sabemos (1.200, talvez).

Nambikuara é "apelativo que os nomeados não conhecem, palavra absolutamente estranha ao dialeto de qualquer dos grupos. Convém conservá-lo, todavia, para evitar confusões".

O limite meridional da região dos nambikuaras é o Rio Papagaio (*Saueuina*). Ao norte, parece que sua zona de distribuição atinge o Gi-Paraná; a leste, o Tapajós; a oeste, o Guaporé. A sueste, fica o grupo *kokoçu*; a nordeste, os *anunzês*; a sudoeste, os *uaintaçu*; ao norte, os *tagnânis*, *tauitês*, *salumás*, *tarutês*, *tachuitês*. "No extremo norte da região, Rondon tem descoberto grupos *kip-keriuats*, pertencentes a outras nações indígenas.

"As aldeias dos índios da Serra do Norte, em geral, são construídas no alto de pequenas colinas, longe dos cursos de água... numa grande praça, o chão limpo de mató. O acesso à praça é livre; não há cerca nem tapume, não há fortificações nem defesas ao redor. Constam sempre de duas casas, uma defronte da outra.

Os nambikuaras alimentam-se de produtos agrícolas. É um dos traços paradoxais dessa população, que Roquette Pinto assinala, o desenvolvimento da agricultura no seu meio atrasado. Conhecem as propriedades conservadoras da fumaça. Quando não usam o moquém, assam a carne no borralho. Bebem mel misturado com água. Não deixam amadurecer o milho; comem-no assado, ainda verde. A mandioca sofre o mesmo processo, ou então é utilizada em raspas, com que fazem beijos. Os *tauitês* sabem preparar um mingau feito de coquinhos de bacaba, o *udniaré*. Bebidas alcoólicas são feitas pelo processo usual da fermentação em massa, pela mastigação da mandioca ou do milho, ou do ananás silvestre.

"Foi o germe da agricultura, que não se sabe donde houveram, se é

que ali mesmo não surgiu espontaneamente, o fator que permitiu a conservação dos nambikuaras na idade da pedra, até a Era Rondoniana.

"Cultivando terras ubérrimas, confiando seu sustento ao solo das matas virgens da Amazônia, puderam os nambikuaras ir vivendo até agora naquele meio relativamente restrito. Essa influência paradoxal da agricultura talvez não tenha sido encontrada ainda alhures, de um modo tão característico; e, por isso mesmo que eram obrigados a viver da cultura da terra, foram se aperfeiçoando nessa indústria, embora permanecendo num estágio de civilização muito elementar. Segregados inteiramente, sem mesmo conhecer os homens brancos e seus animais domésticos, os índios da Serra do Norte tornaram-se agricultores eméritos. Suas roças são sempre circulares... Usam o fogo para limpá-las, depois da derrubada. Milho e mandioca são as principais culturas.

"A grande questão etnográfica que a agricultura dos aborígenes suscita, e foi posta em foco muito bem por von Martius, permanece ainda de pé. Não se encontra o milho, nem a mandioca, vivendo nas matas. Ou esses vegetais vieram de fora, com os índios; ou representam espécies derivadas de outras que existem em estado nativo, com aspectos mui diferentes, mascaradas por diversos caracteres..."

O fumo dos nambikuaras é a nicotiana que vive espontaneamente ali na Serra; o urucu e o algodão, não se pode dizer que sejam cultivados; são plantados e aproveitados... Diga-se o mesmo da

mamona, planta positivamente adventícia.

* * *

Em sua viagem de regresso, dá-nos ainda Roquette Pinto notícia, de Utiariti e do Salto Belo, que permite aguilatar o progresso realizado em tão curto prazo, nas terras da Rondônia.

"Utiariti, onde se ergue uma estação, será em breve um povoado daquele sertão bruto. Hoje é colônia de paricis do grupo uiamaré, chefiada pelo major Libânio Koluzorocê. Vivem ali felizes muitas famílias, trabalhando em roças bem mantidas, tomadas pela mandioca e pelo milho... O Rio Papagaio passa-lhe ao lado, cheio e claro, para despencar-se, pouco adiante da estação, no mais lindo salto que se possa contemplar na terra... Escondida na mágica beleza da queda, que não quero amesquinhar em comparações, porque não sei de outra lindeza igual, vive uma força enorme. A água espirra, em ducha colossal, de 80 metros de altura por 90 de largura, sua energia atinge aos oitenta mil cavalos. Uma estreita calha, escavada na rocha quartzífera que a sustenta, deixa passar o arranco do esguicho imenso... Inimigos seculares, nambikwaras e paricis hoje fraternizam-se na estação de Utiariti, para onde os primeiros são atraídos pelas roças dos segundos, visita interessante que os paricis não apreciam..."

"O salto do Rio do Sangue (Sacre ou Timalatiá), Salto Belo de Rondon, é diferente do Utiariti. É um lençol de água larguíssimo, que se dependura na rocha, colcha

branca que desce langorosamente, sem violência, procurando o abismo. Rondon determinou as características dessa queda. Tem 40 metros de altura, 117 de largura e força nominal de 35.000 cavalos..."

"Do Sacre à Aldeia Queimada vão cerca de 30 léguas. O automóvel fê-las em 31 horas de marcha, carregado com mais de 1.500 kg, passando pela picada aberta em plena chapada, sem caminho regular transitável, andando às vêzes, pelo cerrado quase íntegro. Nas subidas fortes, apeávamos todos e auxiliávamos o motor; nos trechos arenosos, o Tenente Amarante aplicava às rodas do veículo um sistema de *chains sans fin* de sua invenção, formando espécie de soalho móvel sobre o qual marchava o carro..."

Roquette Pinto conhecera Emanuel Amarante em Aldeia Queimada. "No deserto areal onde começa o chapadão dos Paricis, resto de um grande mar mediterrâneo, depois de muitas horas de marcha fatigante, num solo que parecia prender os pés do caminheiro, ao longe, ao entardecer, negrejou um grande rancho: era Aldeia Queimada, oásis sem palmas daquele pequeno Saara, taba aproveitada dos índios, que só por causa da água tinha ali posição justificável. Mas ao chegar àquela "aldeia" de um só rancho, uma surpresa: o rancho era uma oficina. Mecânicos ajustavam mancais teimosos de grandes bielas; ferreiros batiam na bigorna ferros de formas esquisitas, serras trinchavam grandes toros, gritando, plangentemente, como se fôsse a madeira esquartejada chorando a mágoa infinita das transformações. Na parte da

frente, um recanto do grande casebre era a morada do chefe. Algumas rédes, ambos os punhos recolhidos no mesmo gancho, posição de repouso; uma grande mesa em cavaletes, onde havia papéis e mapas. Sobre êsses documentos, absorto, olho brilhantes cravados nas linhas e nas cifras, magro, alto, nervoso: Tenente Amarante.

"Era aí, então, o seu pôsto de engenheiro encarregado dos transportes mecânicos da Comissão de Linhas Telegráficas. Ali era o hospital dos caminhões que o sertão fazia adoecer.

"Môço ardente, de uma inquietação que impressionava, de uma curiosidade intelectual que prendia, dominadora, os seus interlocutores, de uma habilidade agressiva, dessas que não escolhem pessoa nem hora, Amarante vivia preocupado com uma questão fundamental: dar aos caminhões a faculdade de varar a areia e os atoleiros... E o primeiro "autochenille", o primeiro "tank", o primeiro "caterpillar" rodou anônimo, hoje talvez deslembrado de suas testemunhas, até agora ignorado do resto do mundo, varando o enapadão, do Juruena ao Cipotuba no coração do Brasil...

"Amarante morreu... lá longe, perto dos índios, perto das florestas, vitimado pela doença que é a fera pior dêste Continente. Ele não tinha nada do que, à primeira vista, distingue o homem naturalmente indicado para viver naquelas asperezas: era fino, era culto, era meigo. Amava o Brasil. Tinha diante dos olhos, à frente daquela empresa, um exemplo magnífico de energia e desinteresse no serviço de sua terra. Cumpriu o seu destino: o Brasil deve guardar o seu nome."

Nenhum fecho melhor do que estas páginas sentidas de "Rondônia" poderíamos encontrar, para estas anotações da obra excelsa de Roquette Pinto.

Aqui ficaremos, pois, no recolhimento da emoção que a lembrança de tanto heroísmo e dedicação à Pátria desperta, envolta na gratidão ao sábio patricio, pelas luzes que nos deixou, para o melhor conhecimento das coisas pátrias.

* * *

De uma palestra, no Instituto de Colonização Nacional, em sessão comemorativa do cinquentenário de "Rondônia".

A DEFESA NACIONAL é a sua Revista de estudos e debates profissionais. É a sua tribuna. MANDE-NOS SUAS COLABORAÇÕES!